



Mortificações

- *para o tempo da* -

Quaresma



MORTIFICAÇÕES PARA O TEMPO DA QUARESMA

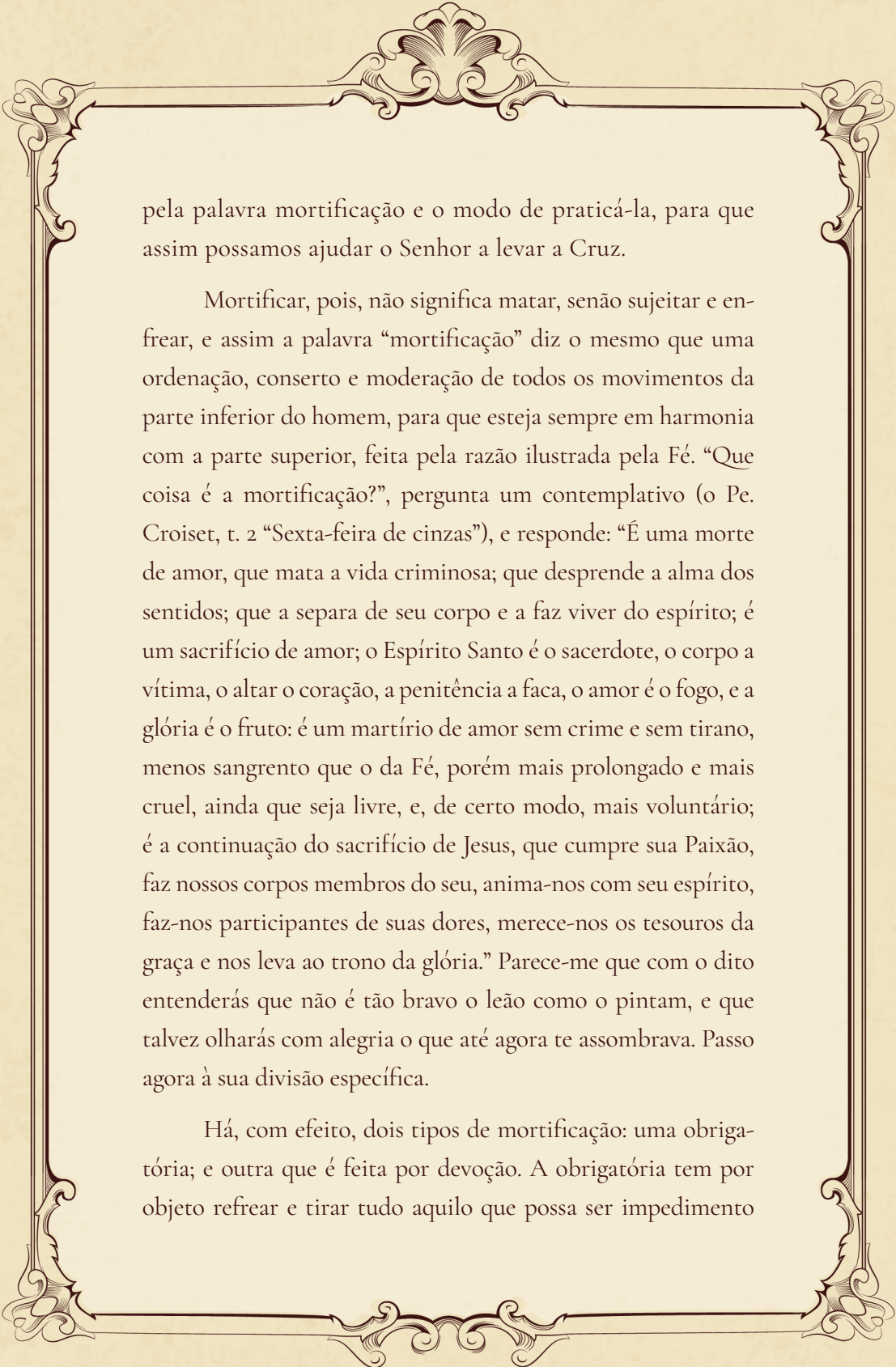


MODO PRÁTICO DE IMITAR
COM ESPÍRITO DE DEVOÇÃO A
JESUS CRISTO LEVANDO A CRUZ

Santo Antônio Maria Claret



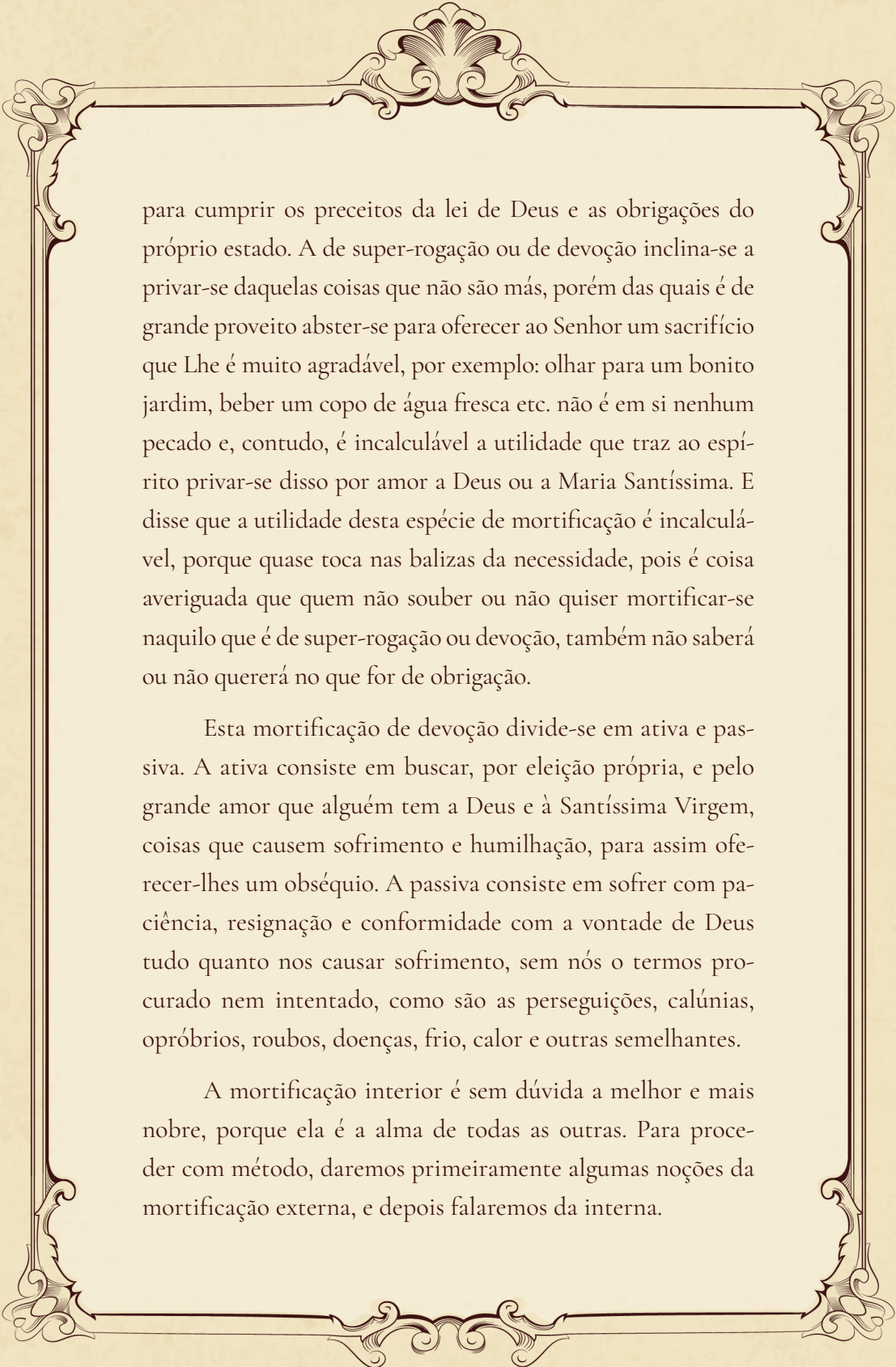
cristão que deseja seguir Jesus Cristo levando a Cruz deve ter presente que o nome “cristão” quer dizer discípulo ou imitador de Jesus Cristo; e que é indispensável, se quiser levar com toda a propriedade tão honorífico e nobre título, fazer aquilo que no seu santo Evangelho nos recomenda Jesus, isto é, que se queremos ser seus discípulos, devemos opor-nos ou negar-nos a nós mesmos, tomar a Cruz e segui-Lo. Com estas palavras, segundo explicam os expositores, Jesus Cristo nos pede mortificação interior e exterior, se o quisermos seguir. A mortificação interior está compreendida nestas palavras: “negue-se a si mesmo”, o que quer dizer não ter vontade própria; e a mortificação exterior nestas outras: “tome sua cruz”. A mortificação, segundo a linda comparação de São Francisco de Sales, nos é tão necessária como o sal para a conservação das carnes; de sorte que assim como sem sal as carnes mortas se deitam a perder, fermentam e são logo pasto de bichos, mas com o sal se conservam durante todo o ano; assim nós, com o sal da mortificação nos conservaremos na virtude, e sem ela seremos pasto de todos os vícios, e por último nos perderemos de todo. Eis porque São Paulo dizia com muita verdade: *Irmãos... se viverdes segundo a carne, regalando-a e não a mortificando, morrereis, vos condenareis; mas se mortificardes a carne, vivereis, vos salvareis*. Por isso, desejando eu vosso proveito espiritual, julguei ser muito oportuno explicar-vos o que entendemos



pela palavra mortificação e o modo de praticá-la, para que assim possamos ajudar o Senhor a levar a Cruz.

Mortificar, pois, não significa matar, senão sujeitar e enfrear, e assim a palavra “mortificação” diz o mesmo que uma ordenação, concerto e moderação de todos os movimentos da parte inferior do homem, para que esteja sempre em harmonia com a parte superior, feita pela razão ilustrada pela Fé. “Que coisa é a mortificação?”, pergunta um contemplativo (o Pe. Croiset, t. 2 “Sexta-feira de cinzas”), e responde: “É uma morte de amor, que mata a vida criminosa; que desprende a alma dos sentidos; que a separa de seu corpo e a faz viver do espírito; é um sacrifício de amor; o Espírito Santo é o sacerdote, o corpo a vítima, o altar o coração, a penitência a faca, o amor é o fogo, e a glória é o fruto: é um martírio de amor sem crime e sem tirano, menos sangrento que o da Fé, porém mais prolongado e mais cruel, ainda que seja livre, e, de certo modo, mais voluntário; é a continuação do sacrifício de Jesus, que cumpre sua Paixão, faz nossos corpos membros do seu, anima-nos com seu espírito, faz-nos participantes de suas dores, merece-nos os tesouros da graça e nos leva ao trono da glória.” Parece-me que com o dito entenderás que não é tão bravo o leão como o pintam, e que talvez olharás com alegria o que até agora te assombrava. Passo agora à sua divisão específica.

Há, com efeito, dois tipos de mortificação: uma obrigatória; e outra que é feita por devoção. A obrigatória tem por objeto refrear e tirar tudo aquilo que possa ser impedimento



para cumprir os preceitos da lei de Deus e as obrigações do próprio estado. A de super-rogação ou de devoção inclina-se a privar-se daquelas coisas que não são más, porém das quais é de grande proveito abster-se para oferecer ao Senhor um sacrifício que Lhe é muito agradável, por exemplo: olhar para um bonito jardim, beber um copo de água fresca etc. não é em si nenhum pecado e, contudo, é incalculável a utilidade que traz ao espírito privar-se disso por amor a Deus ou a Maria Santíssima. E disse que a utilidade desta espécie de mortificação é incalculável, porque quase toca nas balizas da necessidade, pois é coisa averiguada que quem não souber ou não quiser mortificar-se naquilo que é de super-rogação ou devoção, também não saberá ou não quererá no que for de obrigação.

Esta mortificação de devoção divide-se em ativa e passiva. A ativa consiste em buscar, por eleição própria, e pelo grande amor que alguém tem a Deus e à Santíssima Virgem, coisas que causem sofrimento e humilhação, para assim oferecer-lhes um obséquio. A passiva consiste em sofrer com paciência, resignação e conformidade com a vontade de Deus tudo quanto nos causar sofrimento, sem nós o termos procurado nem intentado, como são as perseguições, calúnias, opróbrios, roubos, doenças, frio, calor e outras semelhantes.

A mortificação interior é sem dúvida a melhor e mais nobre, porque ela é a alma de todas as outras. Para proceder com método, daremos primeiramente algumas noções da mortificação externa, e depois falaremos da interna.

MORTIFICAÇÃO EXTERIOR¹

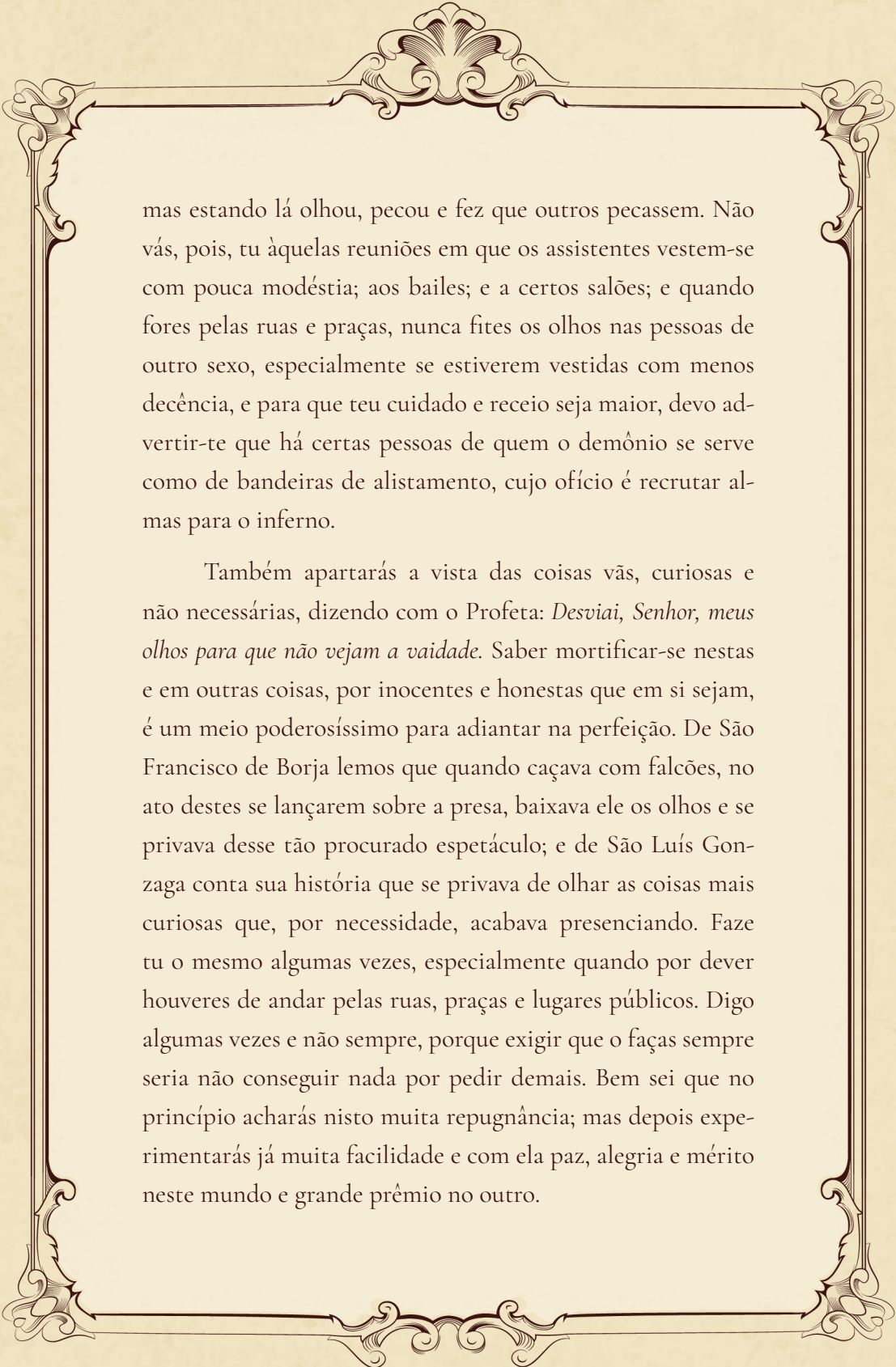


¹ Deve-se ter em conta que o autor, nos exemplos que dará a seguir, não fará uma distinção clara entre as mortificações obrigatórias e as mortificações de super-rogação ou de devoção, mas o leitor poderá, com um mínimo de conhecimento dos Dez Mandamentos, facilmente fazer esta distinção.

MORTIFICAÇÃO DA VISTA

É parte da inocência ser a pessoa cega, dizia Sêneca, e em verdade, por uma triste experiência sabemos que são infinitos os que se precipitaram nos vícios e crimes, perdendo a inocência, pela vista; essa consideração fez que um filósofo pagão arrancasse os olhos com suas próprias mãos, como conta Tertuliano. É verdade que um cristão não pode, nem deve imitar a este infeliz, que com um crime pretendeu evitar outros crimes; mas deve sim mortificar a vista, à imitação de Jesus Cristo Senhor Nosso, que sempre a levou modestamente recolhida; e por isso os Evangelistas nos referem as vezes que a levantou, mostrando que isso n'Ele era coisa singular e não acostumada. Procura tu, pois, mortificá-la nos casos seguintes:

Abster-te-ás de olhar para os objetos que poderiam suscitar em tua alma pensamentos pecaminosos, como sejam figuras desonestas, comédias pouco decentes, especialmente se forem acompanhadas de danças, que pela circunstância do modo de vestir e saltar deve considerar-se como coisa provocadora de maus pensamentos, e de fato muitos, que no decurso da comédia tiveram como que adormecida a concupiscência, ao começar o baile sentiram-se acometidos dum sem número de pensamentos impuros que, abrasando-os no fogo das deleitações morosas, foram causa de que cometessem outros tantos pecados mortais. São muitos os que experimentam o mesmo que Alípio, de quem nos conta Santo Agostinho que foi ao teatro com propósito de não olhar nenhuma coisa ruim,



mas estando lá olhou, pecou e fez que outros pecassem. Não vás, pois, tu àquelas reuniões em que os assistentes vestem-se com pouca modéstia; aos bailes; e a certos salões; e quando fores pelas ruas e praças, nunca fites os olhos nas pessoas de outro sexo, especialmente se estiverem vestidas com menos decência, e para que teu cuidado e receio seja maior, devo advertir-te que há certas pessoas de quem o demônio se serve como de bandeiras de alistamento, cujo ofício é recrutar almas para o inferno.

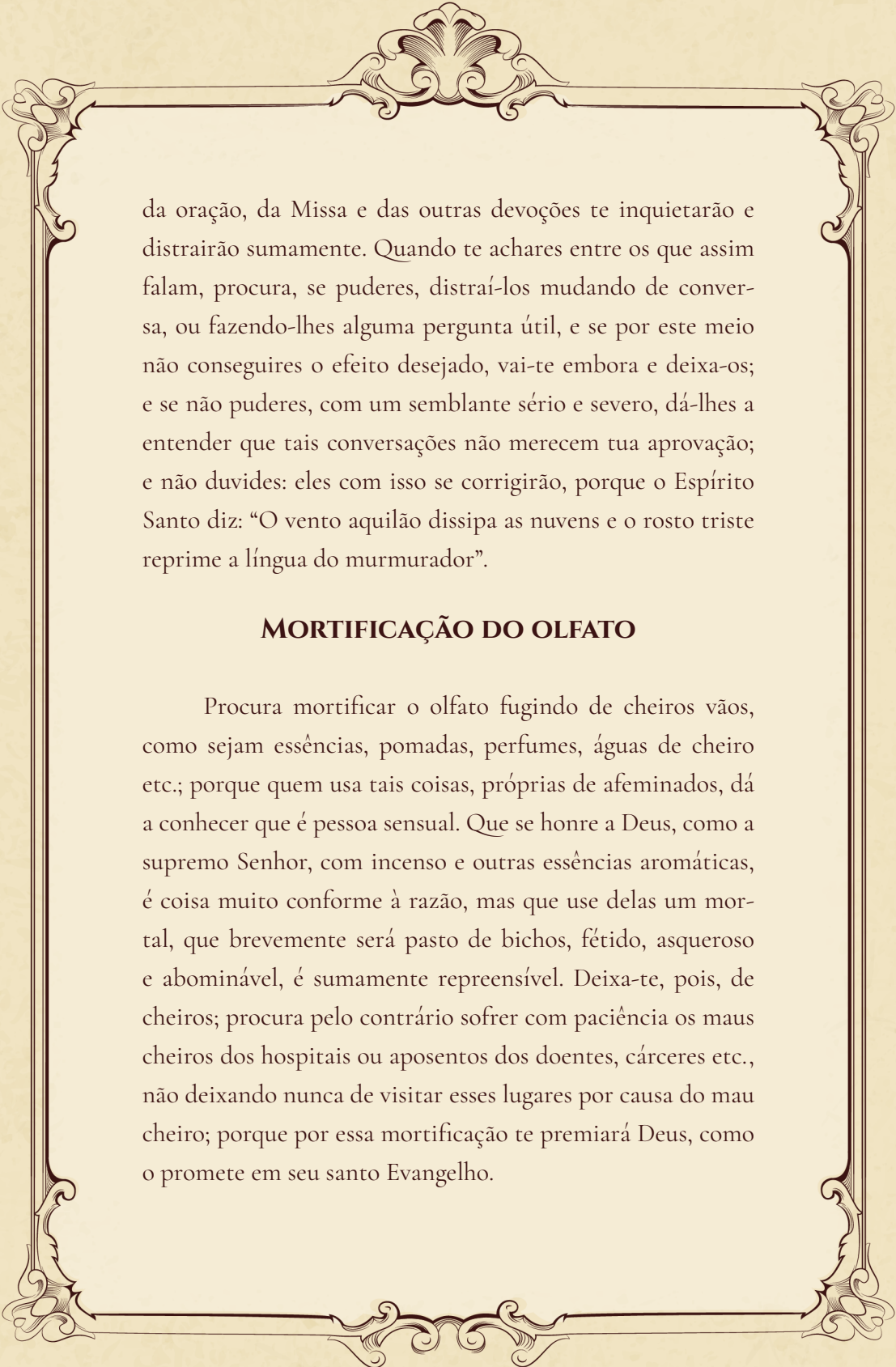
Também apartarás a vista das coisas vãs, curiosas e não necessárias, dizendo com o Profeta: *Desviai, Senhor, meus olhos para que não vejam a vaidade*. Saber mortificar-se nestas e em outras coisas, por inocentes e honestas que em si sejam, é um meio poderosíssimo para adiantar na perfeição. De São Francisco de Borja lemos que quando caçava com falcões, no ato destes se lançarem sobre a presa, baixava ele os olhos e se privava desse tão procurado espetáculo; e de São Luís Gonzaga conta sua história que se privava de olhar as coisas mais curiosas que, por necessidade, acabava presenciando. Faze tu o mesmo algumas vezes, especialmente quando por dever houveres de andar pelas ruas, praças e lugares públicos. Digo algumas vezes e não sempre, porque exigir que o faças sempre seria não conseguir nada por pedir demais. Bem sei que no princípio acharás nisto muita repugnância; mas depois experimentarás já muita facilidade e com ela paz, alegria e mérito neste mundo e grande prêmio no outro.

Quando não quiseses mortificar-te, mas dar algum recreio e satisfação à vista olhando para as flores, árvores, jardins, edifícios e outras coisas honestas, que não têm em si nenhum perigo de levar ao pecado, acostuma-te a levantar o coração ao Criador, pensando que Ele é o manancial e origem de toda beleza e ordem, e que d'Ele receberam aquelas criaturas ou objetos quanta beleza, graça e ordem vês neles brilhar, e dando um passo mais, dize: *Se tanta é a beleza das coisas do mundo, que é um desterro, qual será a da pátria celeste?*

MORTIFICAÇÃO DO OUVIDO

Deves procurar mortificar o ouvido, não escutando nunca histórias impuras, nem conversações nem cantigas desonestas — que, como diz São Paulo, estragam os bons costumes —, as quais infelizmente são muito abundantes em nossos dias. Destes desonestos e maldizentes serve-se o demônio como de anzol para pescar almas, ou, como o caçador de pássaros, de reclamo para apanhar as inocentes e incautas avezinhas. Oh! A quantos e a quantos ouvimos exclamar todos os dias: nunca eu teria pecado, nem sabido tais indecências, se não tivesse ouvido tal conversação, cantiga ou expressão etc. Foge, portanto, dos desonestos e maldizentes.

Também deves guardar-te de escutar murmurações, defeitos de pessoas e coisas do mundo, as quais, ainda quando não te causarem outro mal, ao menos encher-te-ão a cabeça de mil coisas impertinentes, que vindo em tropel no tempo



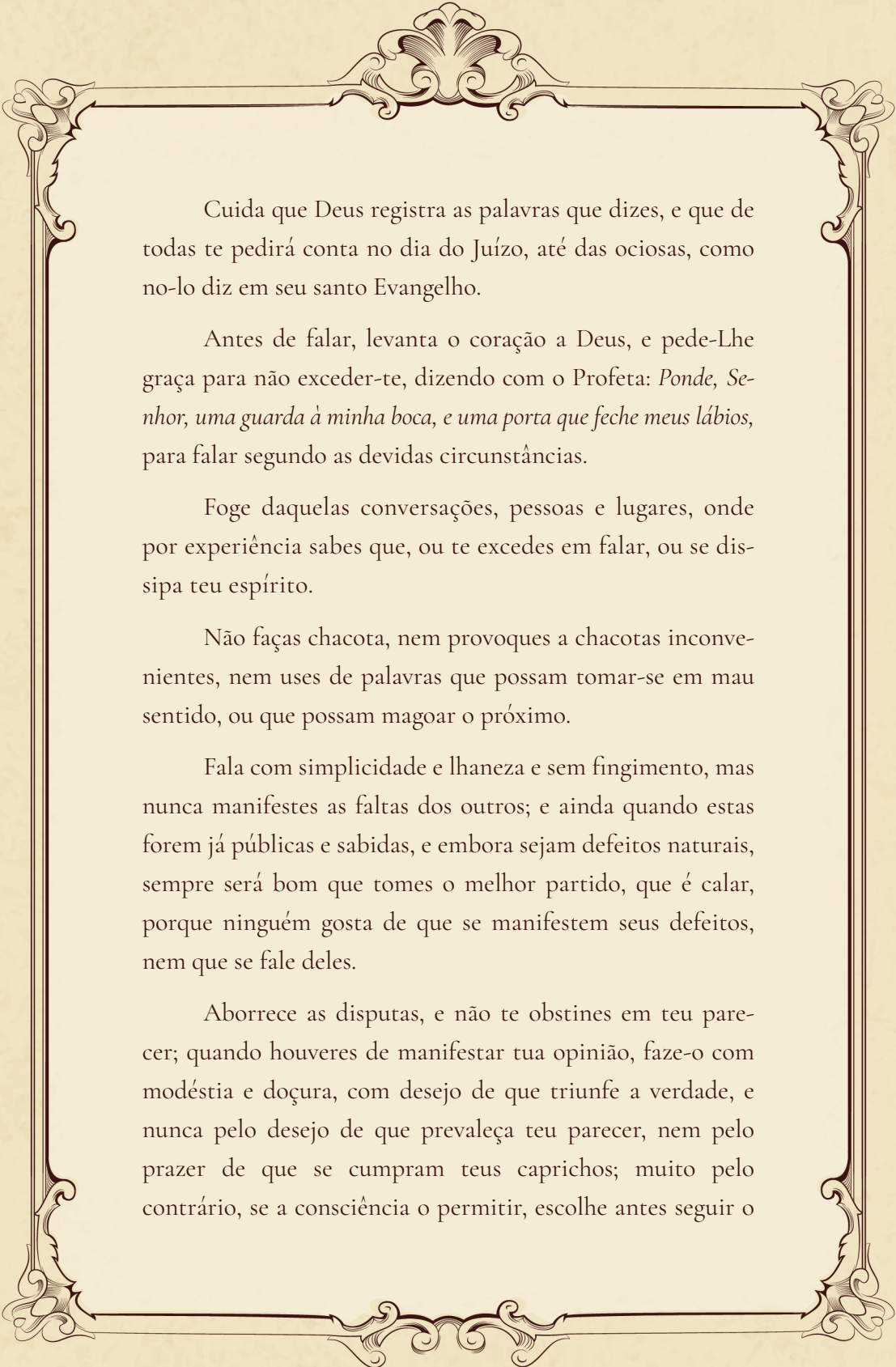
da oração, da Missa e das outras devoções te inquietarão e distrairão sumamente. Quando te achares entre os que assim falam, procura, se puderes, distraí-los mudando de conversa, ou fazendo-lhes alguma pergunta útil, e se por este meio não conseguires o efeito desejado, vai-te embora e deixa-os; e se não puderes, com um semblante sério e severo, dá-lhes a entender que tais conversações não merecem tua aprovação; e não duvides: eles com isso se corrigirão, porque o Espírito Santo diz: “O vento aquilão dissipa as nuvens e o rosto triste reprime a língua do murmurador”.

MORTIFICAÇÃO DO OLFATO

Procura mortificar o olfato fugindo de cheiros vãos, como sejam essências, pomadas, perfumes, águas de cheiro etc.; porque quem usa tais coisas, próprias de afeminados, dá a conhecer que é pessoa sensual. Que se honre a Deus, como a supremo Senhor, com incenso e outras essências aromáticas, é coisa muito conforme à razão, mas que use delas um mortal, que brevemente será pasto de bichos, fétido, asqueroso e abominável, é sumamente repreensível. Deixa-te, pois, de cheiros; procura pelo contrário sofrer com paciência os maus cheiros dos hospitais ou aposentos dos doentes, cárceres etc., não deixando nunca de visitar esses lugares por causa do mau cheiro; porque por essa mortificação te premiará Deus, como o promete em seu santo Evangelho.

MORTIFICAÇÃO DA LÍNGUA

Deves pôr grande cuidado em mortificar a língua, para que não se desmande em palavras vãs, inúteis, de louvor próprio ou torpes, em maldições, blasfêmias ou outras coisas que puderem ser injuriosas a Deus, prejudiciais a ti mesmo ou ao próximo. *Aquele que não peca com a língua*, diz o Apóstolo São Tiago, *é um varão perfeito*; e Orígenes, explicando estas palavras, diz: *que aquele que tem a feliz sorte de livrar-se dos pecados da língua pode chamar-se verdadeiramente perfeito; e pode presumir-se que facilmente dirigirá e governará seus afetos aquele que conseguiu domar a língua*. E realmente a experiência nos ensina que a língua é a universidade de maldades, e que até pessoas muito espirituais caem, pela língua, nos laços de Satanás. É indispensável, portanto, pôr muito cuidado em governá-la e valer-se para isso do conselho que dá São Bernardo: *passar duas vezes pela lima, o que uma vez só deve pronunciar a língua*; dando-nos a entender que, antes de falar, é mister considerar devagar se o que se vai dizer é, ou não, conforme com a vontade de Deus, e se será proveitoso ou prejudicial ao próximo. Com esta reflexão evitarás palavras, de que, depois de ditas, haverias de arrepender-te. Fala, pois, pouco, conforme o conselho de Sêneca, que dizia: *Jamais me arrependi de ter calado, mas sim de ter falado*. E o Espírito Santo assegura que no muito falar não faltarão pecados. Cala, pois, repito, e não fales sem necessidade, caridade ou obediência; para isso podem valer-te as advertências seguintes:



Cuida que Deus registra as palavras que dizes, e que de todas te pedirá conta no dia do Juízo, até das ociosas, como no-lo diz em seu santo Evangelho.

Antes de falar, levanta o coração a Deus, e pede-Lhe graça para não exceder-te, dizendo com o Profeta: *Ponde, Senhor, uma guarda à minha boca, e uma porta que feche meus lábios*, para falar segundo as devidas circunstâncias.

Foge daquelas conversações, pessoas e lugares, onde por experiência sabes que, ou te excedes em falar, ou se dissipa teu espírito.

Não faças chacota, nem provoques a chacotas inconvenientes, nem uses de palavras que possam tomar-se em mau sentido, ou que possam magoar o próximo.

Fala com simplicidade e lhaneza e sem fingimento, mas nunca manifestes as faltas dos outros; e ainda quando estas forem já públicas e sabidas, e embora sejam defeitos naturais, sempre será bom que tomes o melhor partido, que é calar, porque ninguém gosta de que se manifestem seus defeitos, nem que se fale deles.

Aborrece as disputas, e não te obstines em teu parecer; quando houveres de manifestar tua opinião, faze-o com modéstia e doçura, com desejo de que triunfe a verdade, e nunca pelo desejo de que prevaleça teu parecer, nem pelo prazer de que se cumpram teus caprichos; muito pelo contrário, se a consciência o permitir, escolhe antes seguir o

parecer dos outros, que teimar e porfiar, pois isso é de grande proveito espiritual, porque é coisa sabida que é melhor ser modesto que teimoso. Quantas questões, desuniões e pecados evitarás, praticando estes conselhos!

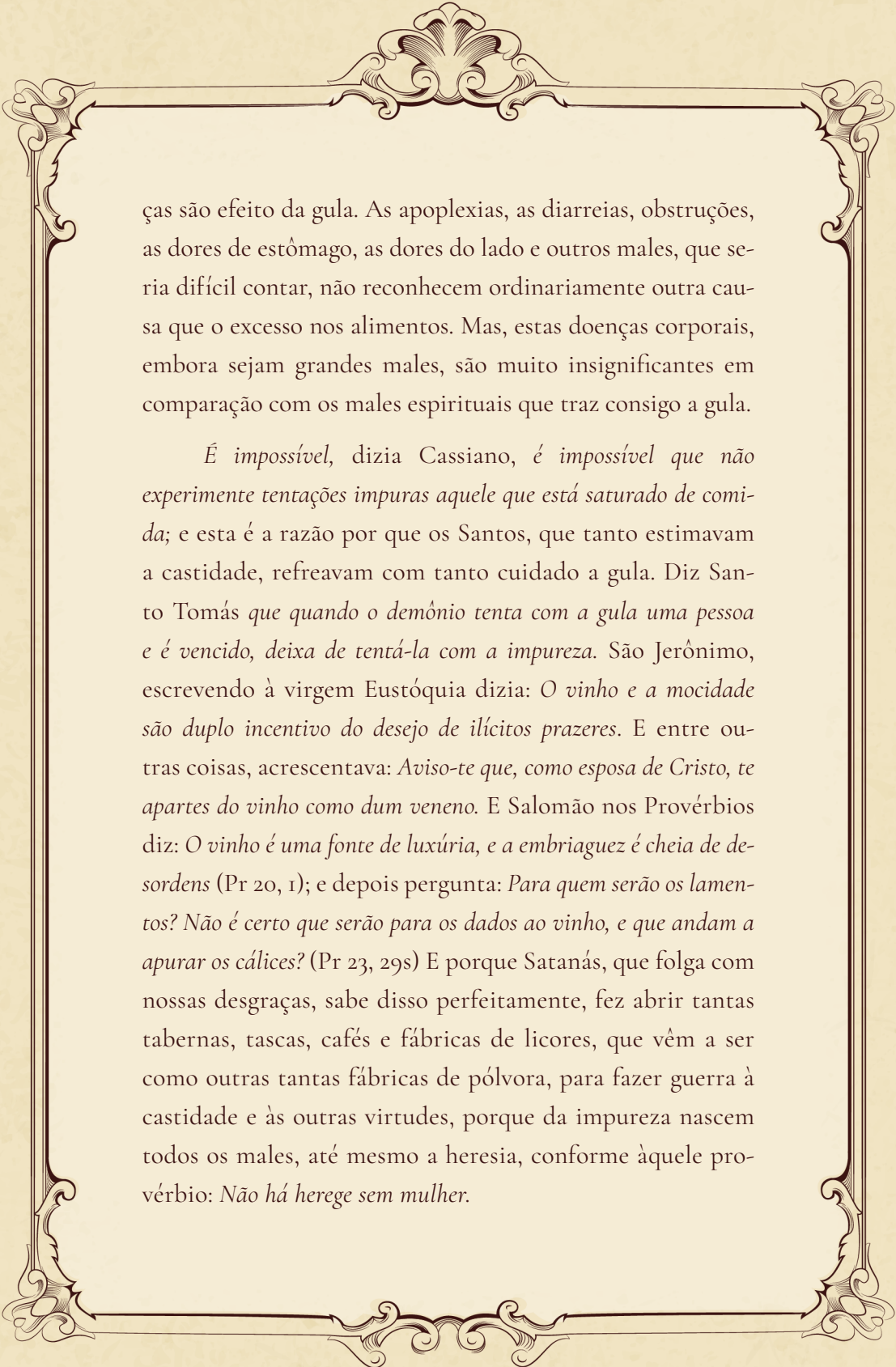
Nunca digas palavra que redunde em próprio louvor, nem contes o que disseste ou fizeste para que os outros te tenham em opinião de sábio, corajoso ou virtuoso; porque, não caindo bem o louvor em boca própria, far-te-ias desprezível. Para não caíres, pois, em coisa de tanta importância, lembra-te que Deus te vê, te ouve e te há de pedir conta do que falares.

MORTIFICAÇÃO DO PALADAR

De mil maneiras pode exercitar-se a mortificação do paladar; e é de tanta importância esta mortificação, que São Gregório não hesita em afirmar que *aquele que não vencer antes a gula, debalde esperará vencer os outros vícios.*

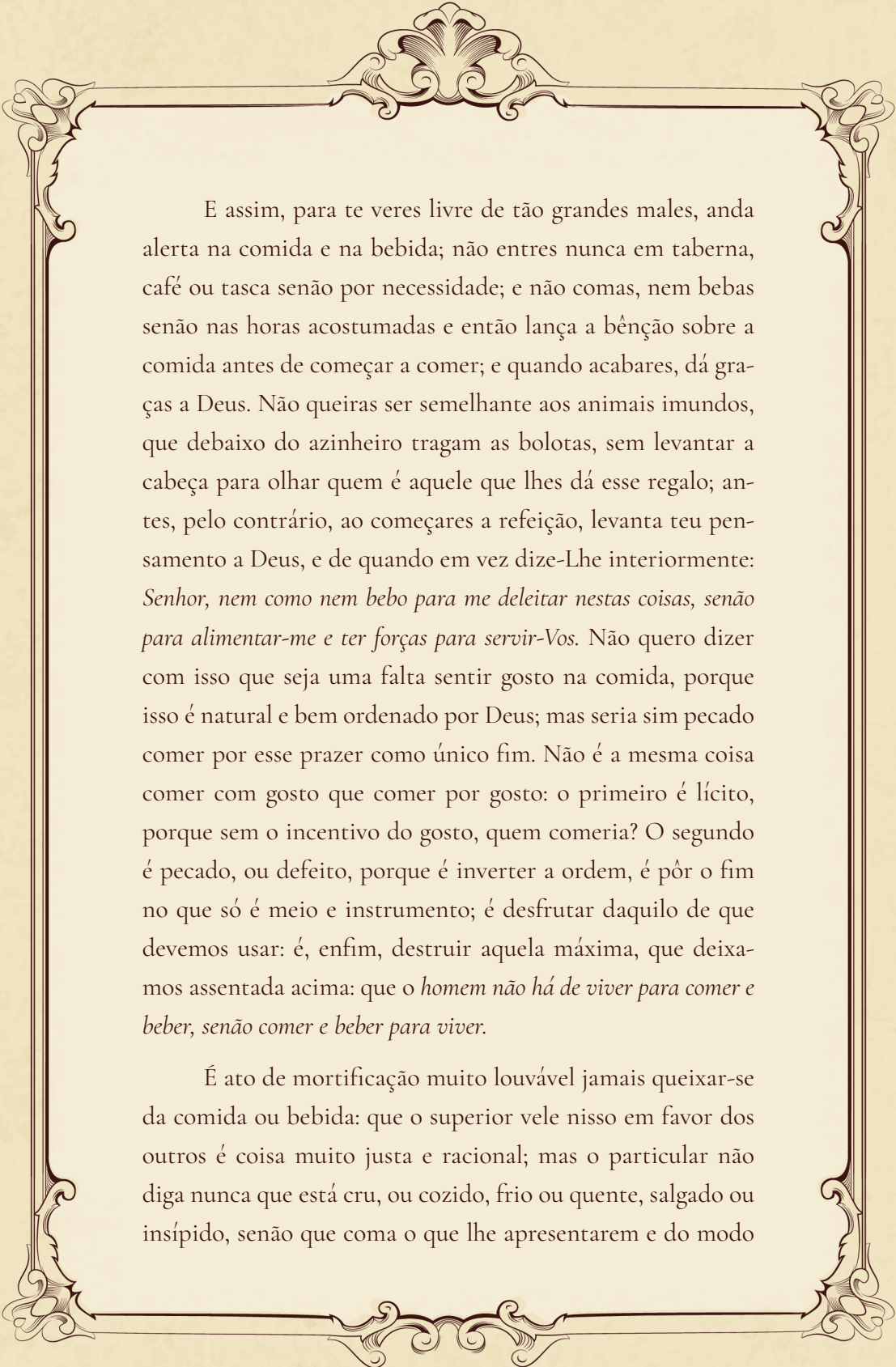
Tenha-se, pois, como máxima inconcussa, ou como princípio fundamental, que o homem não há de viver para comer e beber, senão que há de comer e beber para viver. É mister comer e beber para sustentar a natureza, e não para regalar os sentidos; e estes princípios são os que hão de regular a quantidade e a qualidade dos alimentos. *Aquele que não se mortifica na comida, dizia Santa Catarina de Sena, é impossível que possa guardar sua inocência, pois pela gula se perdeu Adão.*

Toda intemperança na comida e bebida é prejudicial ao corpo e à alma. Não haja dúvida que a maior parte das doen-



ças são efeito da gula. As apoplexias, as diarreias, obstruções, as dores de estômago, as dores do lado e outros males, que seria difícil contar, não reconhecem ordinariamente outra causa que o excesso nos alimentos. Mas, estas doenças corporais, embora sejam grandes males, são muito insignificantes em comparação com os males espirituais que traz consigo a gula.

É impossível, dizia Cassiano, é impossível que não experimente tentações impuras aquele que está saturado de comida; e esta é a razão por que os Santos, que tanto estimavam a castidade, refreavam com tanto cuidado a gula. Diz Santo Tomás que quando o demônio tenta com a gula uma pessoa e é vencido, deixa de tentá-la com a impureza. São Jerônimo, escrevendo à virgem Eustóquia dizia: O vinho e a mocidade são duplo incentivo do desejo de ilícitos prazeres. E entre outras coisas, acrescentava: Aviso-te que, como esposa de Cristo, te apartes do vinho como dum veneno. E Salomão nos Provérbios diz: O vinho é uma fonte de luxúria, e a embriaguez é cheia de desordens (Pr 20, 1); e depois pergunta: Para quem serão os lamentos? Não é certo que serão para os dados ao vinho, e que andam a apurar os cálices? (Pr 23, 29s) E porque Satanás, que folga com nossas desgraças, sabe disso perfeitamente, fez abrir tantas tabernas, tascas, cafés e fábricas de licores, que vêm a ser como outras tantas fábricas de pólvora, para fazer guerra à castidade e às outras virtudes, porque da impureza nascem todos os males, até mesmo a heresia, conforme àquele provérbio: Não há herege sem mulher.



E assim, para te veres livre de tão grandes males, anda alerta na comida e na bebida; não entres nunca em taberna, café ou tasca senão por necessidade; e não comas, nem bebas senão nas horas acostumadas e então lança a bênção sobre a comida antes de começar a comer; e quando acabares, dá graças a Deus. Não queiras ser semelhante aos animais imundos, que debaixo do azinheiro tragam as bolotas, sem levantar a cabeça para olhar quem é aquele que lhes dá esse regalo; antes, pelo contrário, ao começares a refeição, levanta teu pensamento a Deus, e de quando em vez dize-Lhe interiormente: *Senhor, nem como nem bebo para me deleitar nestas coisas, senão para alimentar-me e ter forças para servir-Vos.* Não quero dizer com isso que seja uma falta sentir gosto na comida, porque isso é natural e bem ordenado por Deus; mas seria sim pecado comer por esse prazer como único fim. Não é a mesma coisa comer com gosto que comer por gosto: o primeiro é lícito, porque sem o incentivo do gosto, quem comeria? O segundo é pecado, ou defeito, porque é inverter a ordem, é pôr o fim no que só é meio e instrumento; é desfrutar daquilo de que devemos usar: é, enfim, destruir aquela máxima, que deixamos assentada acima: que o *homem não há de viver para comer e beber, senão comer e beber para viver.*

É ato de mortificação muito louvável jamais queixar-se da comida ou bebida: que o superior vele nisso em favor dos outros é coisa muito justa e racional; mas o particular não diga nunca que está cru, ou cozido, frio ou quente, salgado ou insípido, senão que coma o que lhe apresentarem e do modo

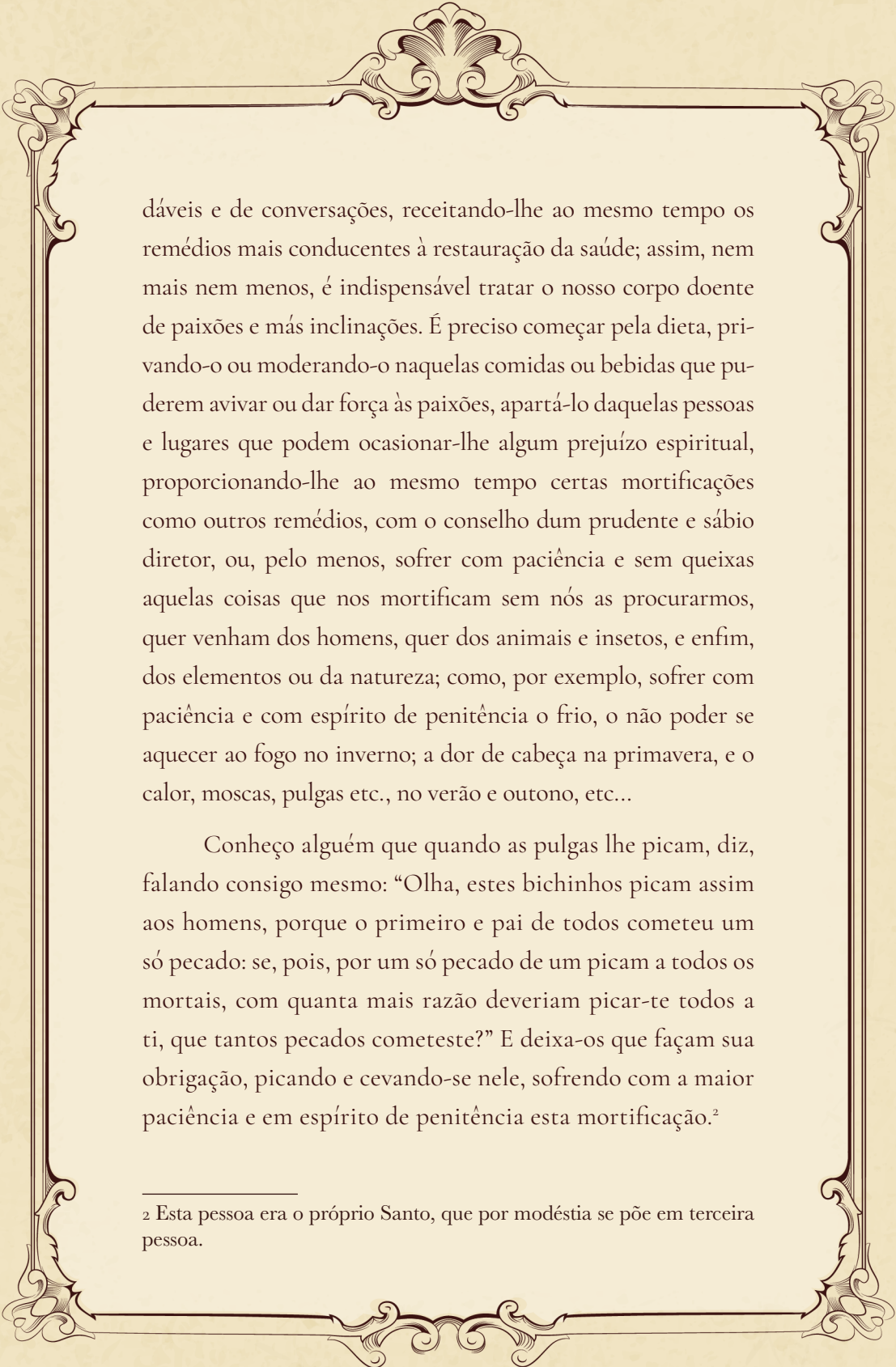
que lho trouxeram, a não ser que conheça que lhe há de fazer mal ao corpo ou à alma, como seria se fosse uma coisa que lhe houvesse de causar alguma indisposição, ou que se opusesse a algum preceito. Santo Tomás nunca pediu comida alguma em particular e sempre dizia que ficava satisfeito com o que lhe apresentavam. Santo Inácio jamais recusou prato algum, ainda que estivesse mal cozido ou mal guisado. São João Clímaco também comia de tudo e devagar, esperando que os outros fossem comendo para acabar juntos. É também excelente mortificação privar-se ou abster-se daqueles manjares ou frutas que são mais de nosso gosto, e fazendo-o discretamente podem-se praticar muitos atos de virtude, apresentando ou oferecendo a Deus estes sacrifícios ou obséquios, levando a Cruz de Cristo; e é mister que não sejamos como aqueles de quem com lágrimas se lamenta São Paulo, isto é, aqueles que são inimigos da Cruz de Cristo e cujo deus é o ventre.

MORTIFICAÇÃO DO TATO

Nunca faças nem toques coisa alguma feia, porque já sabes que isso é um pecado horroroso; guarda-te também do costume indecente e baixo que têm alguns de agarrar-se, e outras brincadeiras semelhantes, porque é coisa intolerável e indecorosa; não te esqueças do que vulgarmente se diz: *jogo de mão, jogo de vilão*. E não só não hás de fazer isso com pessoas de outro sexo, mas também não farás com as do mesmo sexo, porque além de ser contra a boa educação, é também contra a castidade.

MORTIFICAÇÃO DE TODO O CORPO

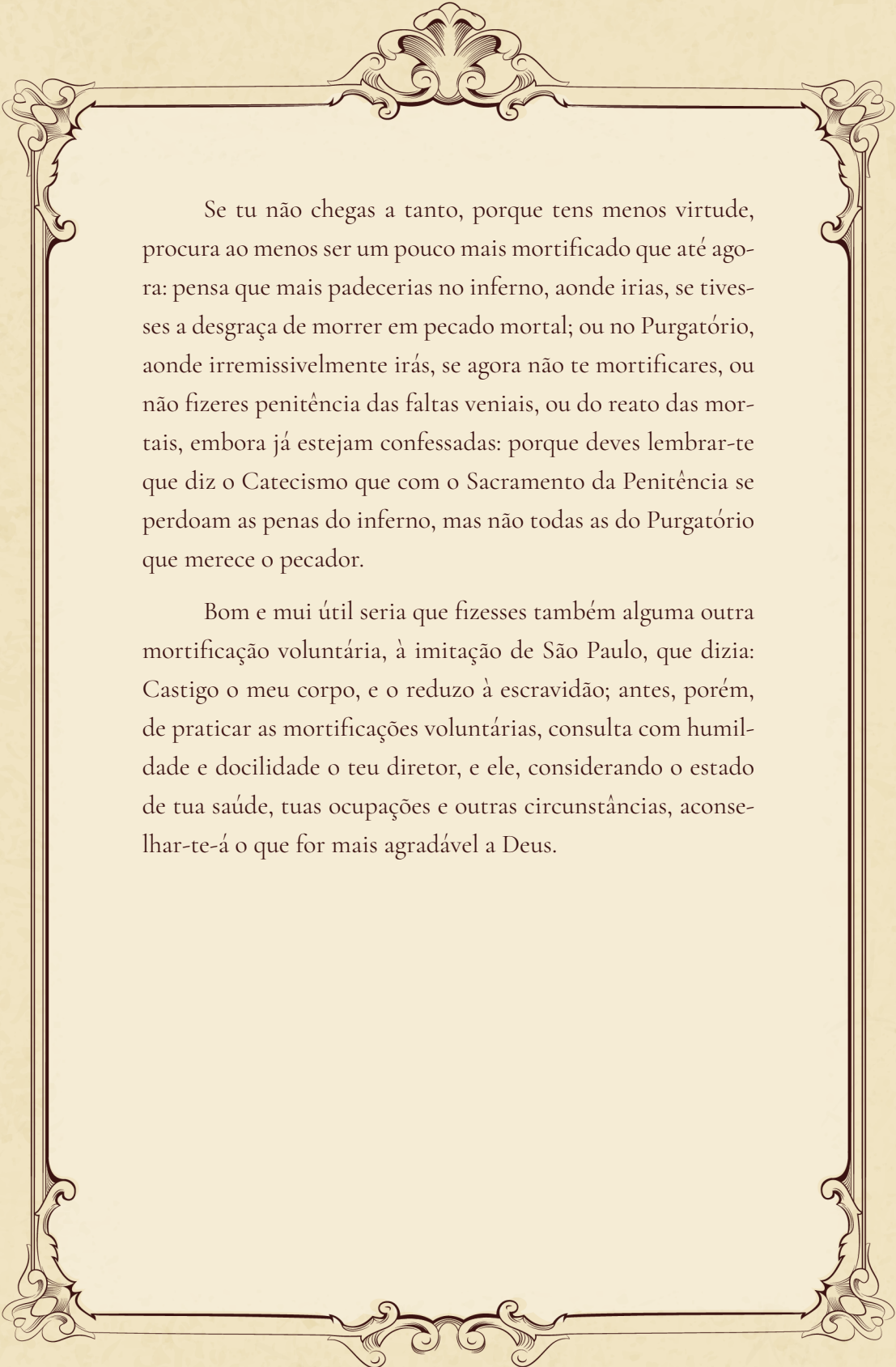
O inimigo mais terrível e cruel de nossa alma, e o mais temível, é nosso corpo ou a carne, já porque sempre está unido a ela, já porque é o mais tenaz; de modo que se pode dizer que todos os dias lhe arma ciladas para fazê-la cair em pecado. É um cavalo indômito que facilmente se desboca, que dificilmente obedece ao freio, e dificilmente se curva a servir ao espírito, que é o fim para o qual foi formado; de modo que por pouco que lhe soltem a rédea, não exigirá só o justo, e o que racionalmente devemos conceder-lhe como necessário, senão que nos arrastará à paixão. Não devemos esquecer que do corpo devemos cuidar como cuidaríamos duma besta dedicada à lavoura, à qual damos o necessário para que preste serviços, e não para regalá-la, sob pena de que, criando-se demasiadamente nutrida, não admitisse depois o jugo ou lançasse a carga. O mesmo, pois, devemos de fazer com o corpo, isto é, devemos de dar-lhe o que há mister para viver e trabalhar, mas não para regalá-lo, sob pena também de que, regalando-se demais, se faça indômito e nos arraste a todas as desordens, fazendo-nos viver, não conforme à razão, senão guiados pela paixão, como animais irracionais, e ainda pior, porque a estes adornou Deus com o instinto, e governam-se por ele, o que chega a faltar à pessoa que vive regida pela paixão. Como o médico, quando toma conta dum doente, primeiro que tudo ordena rigorosa dieta, isto é, que se modere no comer e beber, não só na quantidade, senão também na qualidade de certos alimentos, que conhece que lhe são nocivos, ordenando-lhe também que se preserve dos ares pouco sau-



dáveis e de conversações, receitando-lhe ao mesmo tempo os remédios mais conducentes à restauração da saúde; assim, nem mais nem menos, é indispensável tratar o nosso corpo doente de paixões e más inclinações. É preciso começar pela dieta, privando-o ou moderando-o naquelas comidas ou bebidas que puderem avivar ou dar força às paixões, apartá-lo daquelas pessoas e lugares que podem ocasionar-lhe algum prejuízo espiritual, proporcionando-lhe ao mesmo tempo certas mortificações como outros remédios, com o conselho dum prudente e sábio diretor, ou, pelo menos, sofrer com paciência e sem queixas aquelas coisas que nos mortificam sem nós as procurarmos, quer venham dos homens, quer dos animais e insetos, e enfim, dos elementos ou da natureza; como, por exemplo, sofrer com paciência e com espírito de penitência o frio, o não poder se aquecer ao fogo no inverno; a dor de cabeça na primavera, e o calor, moscas, pulgas etc., no verão e outono, etc...

Conheço alguém que quando as pulgas lhe picam, diz, falando consigo mesmo: “Olha, estes bichinhos picam assim aos homens, porque o primeiro e pai de todos cometeu um só pecado: se, pois, por um só pecado de um picam a todos os mortais, com quanta mais razão deveriam picar-te todos a ti, que tantos pecados cometeste?” E deixa-os que façam sua obrigação, picando e cevando-se nele, sofrendo com a maior paciência e em espírito de penitência esta mortificação.²

² Esta pessoa era o próprio Santo, que por modéstia se põe em terceira pessoa.



Se tu não chegas a tanto, porque tens menos virtude, procura ao menos ser um pouco mais mortificado que até agora: pensa que mais padecerias no inferno, aonde irias, se tivesses a desgraça de morrer em pecado mortal; ou no Purgatório, aonde irremissivelmente irás, se agora não te mortificares, ou não fizeres penitência das faltas veniais, ou do reato das mortais, embora já estejam confessadas: porque debes lembrar-te que diz o Catecismo que com o Sacramento da Penitência se perdoam as penas do inferno, mas não todas as do Purgatório que merece o pecador.

Bom e mui útil seria que fizesses também alguma outra mortificação voluntária, à imitação de São Paulo, que dizia: Castigo o meu corpo, e o reduzo à escravidão; antes, porém, de praticar as mortificações voluntárias, consulta com humildade e docilidade o teu diretor, e ele, considerando o estado de tua saúde, tuas ocupações e outras circunstâncias, aconselhar-te-á o que for mais agradável a Deus.

MORTIFICAÇÃO INTERIOR



APETITE SENSITIVO

O apetite sensitivo compreende duas potências: chama-se uma irascível, e concupiscível a outra: estas duas potências são o assento das paixões. Entendemos pela palavra “paixão” os movimentos do apetite sensitivo que nos induzem a conseguir um bem ou a fugir dum mal previamente conhecido.

Onze são as paixões: seis da parte concupiscível e cinco da parte irascível. As seis primeiras são: amor, ódio, desejo, fuga, alegria e tristeza. As cinco da parte irascível são: esperança, desesperação, temor, audácia e ira. As paixões em si mesmas nem são boas nem são más. Podem comparar-se aos humores do corpo, que, se estiverem bem equilibrados, causam ou conservam a saúde corporal, mas, se se desconsertarem, resultam em doenças e até na morte; assim as paixões, se estiverem regidas e ordenadas pela razão, são uma mina de virtudes morais; mas, se se desconsertarem, são um manancial de vícios, culpas e pecados. Por este motivo é grandemente conveniente tê-las de todo sujeitas às leis da razão, e se talvez, sem nós repararmos, se levantarem contra a razão, como cavalos indômitos, logo que disso tivermos conhecimento, sujeitemo-las com as rédeas da mesma razão. De termos deste modo mortificadas as paixões segue-se o inapreciável bem da tranquilidade de espírito, a paz do coração e já neste mundo se desfruta dum céu antecipado.

MORTIFICAÇÃO DA IMAGINAÇÃO

A imaginação não pode estar ociosa; convém, portanto, tê-la ocupada sempre em coisas de proveito, e para isso podem servir-te os avisos seguintes:

Procura tê-la sempre ocupada em pensamentos úteis e proveitosos, cuidando com toda diligência em evitar os maus pensamentos; porque, se os deixares entrar uma vez, não poderás depois lançá-los fora tão facilmente.

Guarda as portas dos sentidos corporais, tendo-as fechadas àquelas coisas que possam prejudicar à alma; porque debalde trabalha em mortificar a imaginação aquele que não procura antes mortificar os sentidos corporais.

Nunca estejas ocioso; procura estar sempre ocupado em coisas do serviço de Deus, do bem do próximo e naquilo que exigem as obrigações de teu estado; porque assim ocupada a imaginação, não se dispersará em coisas inúteis ou nocivas.

Recorda que estás na presença de Deus, que é o juiz que há de julgar, não só tuas palavras e obras, senão também teus pensamentos; e, diante de Deus juiz, ousarias pensar naquilo em que não te atreverias diante dum homem que penetrasse teus pensamentos?

MORTIFICAÇÃO DO ENTENDIMENTO

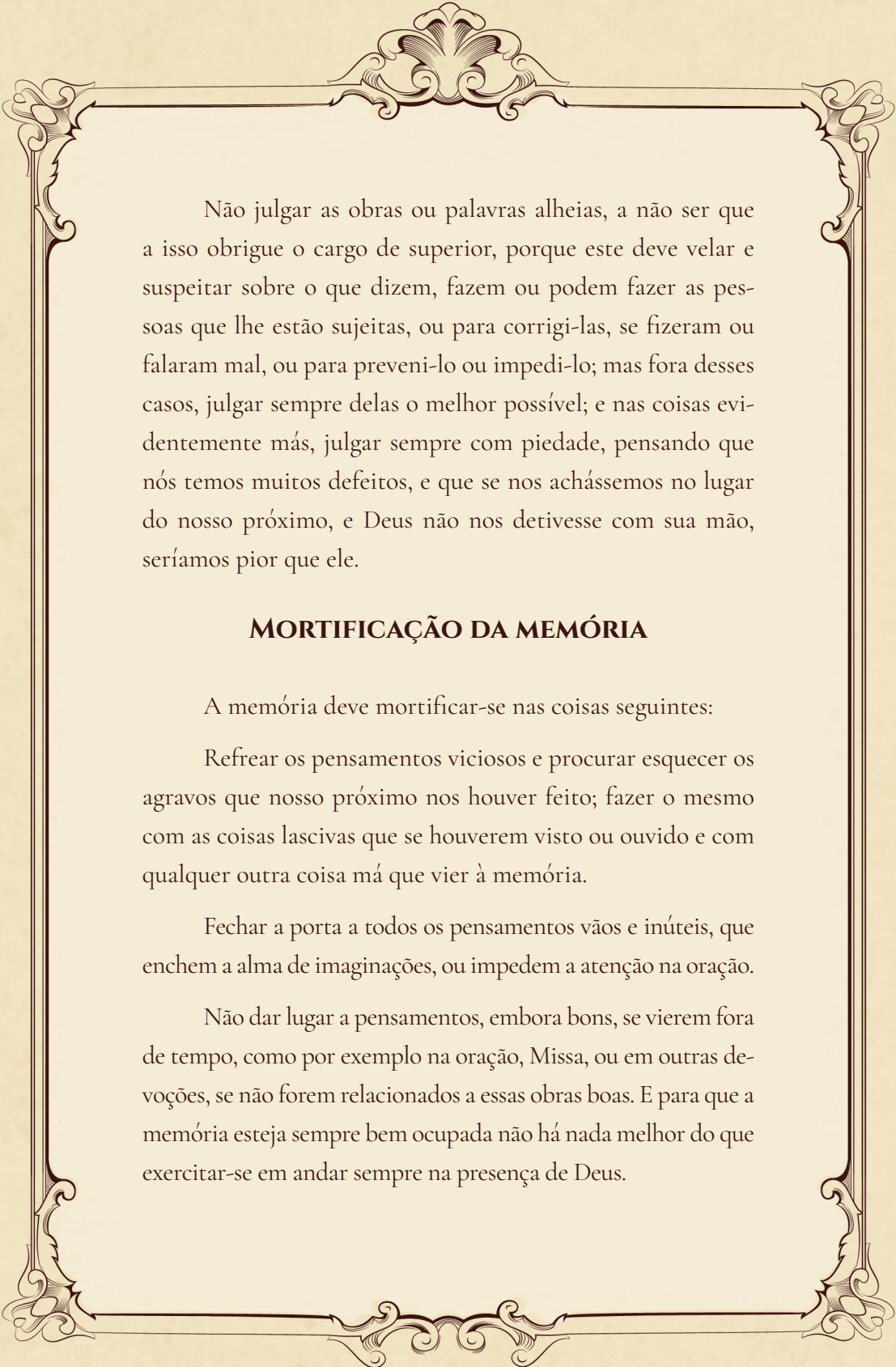
É o entendimento a raiz de todo o bem e mal que há no homem. Grande sacrifício faz a Deus aquele que rende a Ele seu próprio juízo ou entendimento, especialmente nos casos seguintes:

Em apartar ou vencer a indolência ou negligência em saber as coisas de sua obrigação, aquelas que cada um deve saber perfeitamente para não incorrer na indignação e reprovação de Deus, conforme diz o Apóstolo com estas palavras: *Quem ignorar, será ignorado.*

Em sujeitar o próprio juízo ou parecer ao dos superiores, julgando acertado o que eles mandam, e obedecendo sempre, se o mandado não for contra a lei de Deus.

Em sujeitar o próprio juízo ou parecer ao de outrem, embora este não seja tão sábio nem superior, exceto em coisas más, porque nisto nem pode nem deve sujeitá-lo, mas fora deste caso, procurar não disputar nem porfiar, senão condescender, porque a condescendência, como diz São Francisco de Sales, é filha da caridade, e gera e nutre a paz e o amor nas famílias e entre os outros semelhantes.

Em mortificar os desejos de saber coisas danosas e inúteis, quer seja do que ensinam os livros proibidos, quer do que falam as pessoas murmuradoras, que têm prazer em falar da vida alheia ou do que se passa nas casas ou na povoação.



Não julgar as obras ou palavras alheias, a não ser que a isso obrigue o cargo de superior, porque este deve velar e suspeitar sobre o que dizem, fazem ou podem fazer as pessoas que lhe estão sujeitas, ou para corrigi-las, se fizeram ou falaram mal, ou para preveni-lo ou impedi-lo; mas fora desses casos, julgar sempre delas o melhor possível; e nas coisas evidentemente más, julgar sempre com piedade, pensando que nós temos muitos defeitos, e que se nos achássemos no lugar do nosso próximo, e Deus não nos detivesse com sua mão, seríamos pior que ele.

MORTIFICAÇÃO DA MEMÓRIA

A memória deve mortificar-se nas coisas seguintes:

Refrear os pensamentos viciosos e procurar esquecer os agravos que nosso próximo nos houver feito; fazer o mesmo com as coisas lascivas que se houverem visto ou ouvido e com qualquer outra coisa má que vier à memória.

Fechar a porta a todos os pensamentos vão e inúteis, que enchem a alma de imaginações, ou impedem a atenção na oração.

Não dar lugar a pensamentos, embora bons, se vierem fora de tempo, como por exemplo na oração, Missa, ou em outras devoções, se não forem relacionados a essas obras boas. E para que a memória esteja sempre bem ocupada não há nada melhor do que exercitar-se em andar sempre na presença de Deus.

MORTIFICAÇÃO DO AMOR-PRÓPRIO E DA PRÓPRIA VONTADE

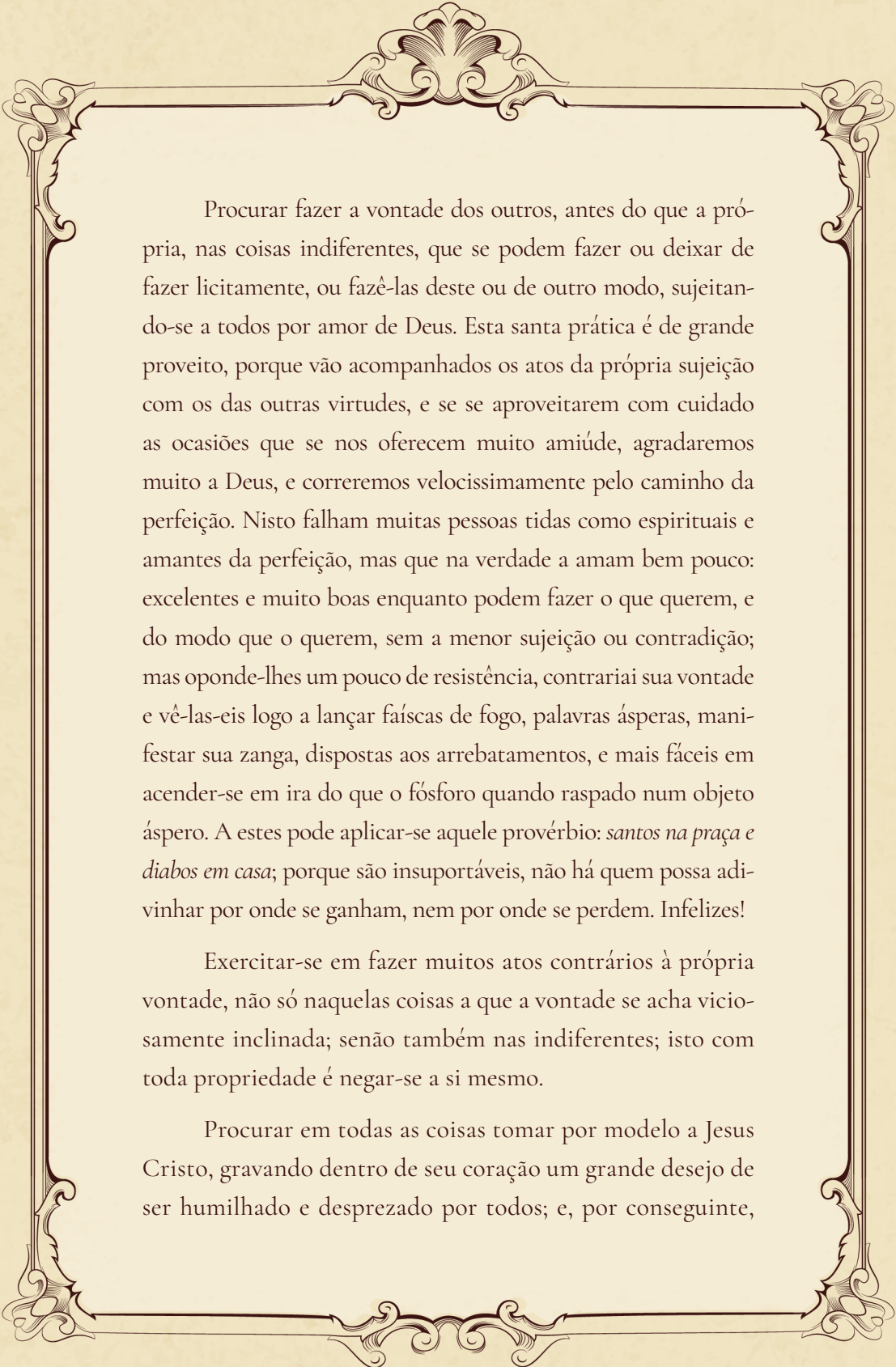
Falando o venerável Blósio da mortificação da vontade, diz que a Deus não se pode oferecer sacrifício mais agradável que o da própria vontade; e em outra parte diz que quem mortifica a própria vontade para fazer a dos outros, para a glória de Deus e por seu divino amor, agrada mais a Nosso Senhor que se jejuasse muito tempo a pão e água, ou se macerasse rigorosamente o corpo com disciplinas. E pelo contrário: é tanto o mal que causa à alma a própria vontade não mortificada, que São Bernardo diz que não haveria inferno, se não houvesse vontade própria.

A mortificação da própria vontade deve exercitar-se nos casos seguintes:

Averiguar ou pôr grande cuidado em saber qual seja a vontade de Deus, em cada obra que se há de fazer.

Pedir a Deus esta mortificação, desconfiando de si mesmo e pondo n'Ele a confiança, pensando que tudo é possível com sua santa graça.

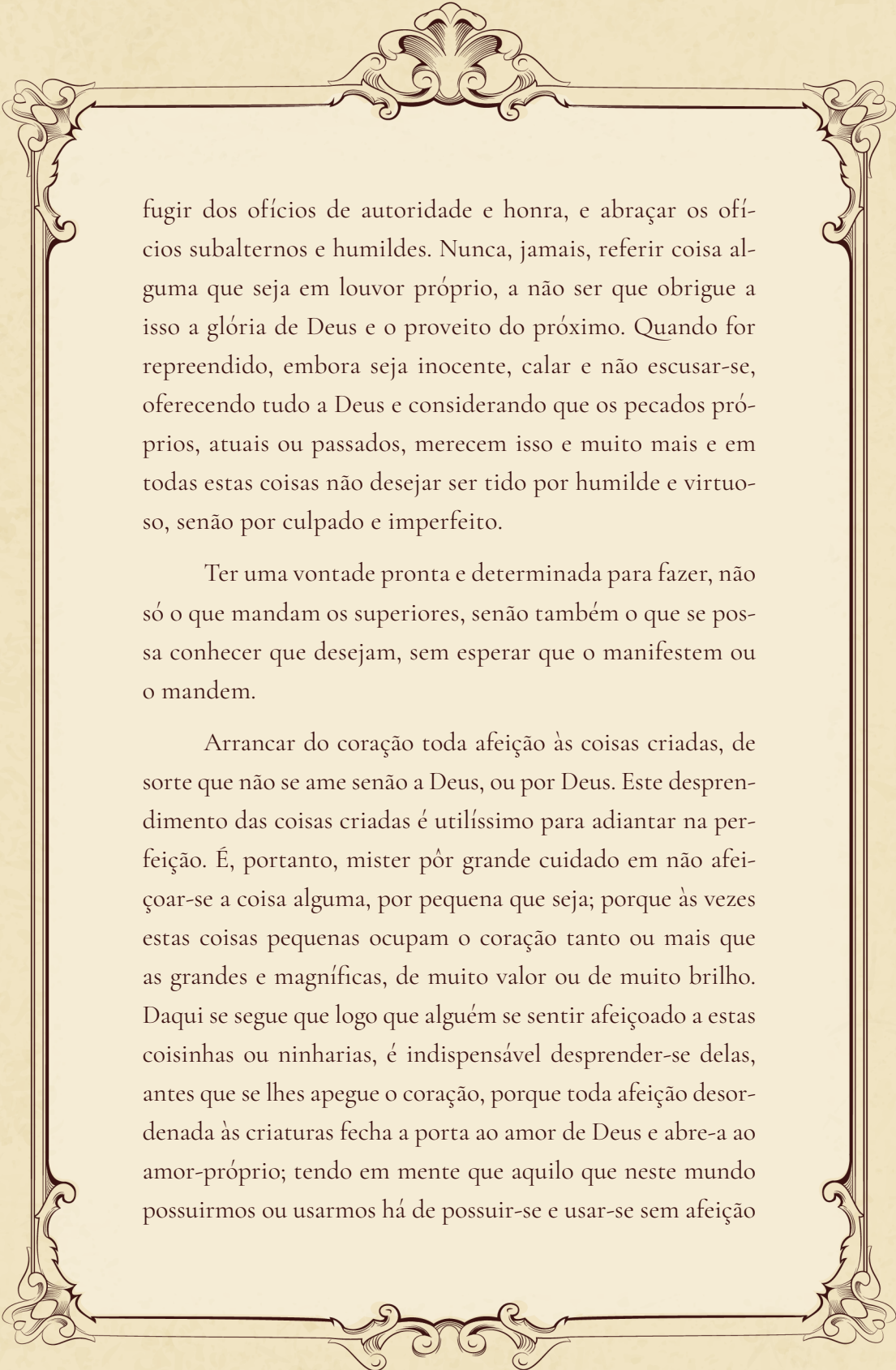
Dizer com frequência estas ou parecidas jaculatórias: *Meu Deus, que quereis que eu faça? Ensinai-me, Senhor, a negar minha própria vontade e a fazer a vossa. Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu. Não quero, meu Deus, senão o que Vós quereis. Fazei, Senhor, de mim o que Vos aprouver.*



Procurar fazer a vontade dos outros, antes do que a própria, nas coisas indiferentes, que se podem fazer ou deixar de fazer licitamente, ou fazê-las deste ou de outro modo, sujeitando-se a todos por amor de Deus. Esta santa prática é de grande proveito, porque vão acompanhados os atos da própria sujeição com os das outras virtudes, e se se aproveitarem com cuidado as ocasiões que se nos oferecem muito amiúde, agradaremos muito a Deus, e correremos velocissimamente pelo caminho da perfeição. Nisto fallham muitas pessoas tidas como espirituais e amantes da perfeição, mas que na verdade a amam bem pouco: excelentes e muito boas enquanto podem fazer o que querem, e do modo que o querem, sem a menor sujeição ou contradição; mas oponde-lhes um pouco de resistência, contrariarai sua vontade e vê-las-eis logo a lançar faíscas de fogo, palavras ásperas, manifestar sua zanga, dispostas aos arrebatamentos, e mais fáceis em acender-se em ira do que o fósforo quando raspado num objeto áspero. A estes pode aplicar-se aquele provérbio: *santos na praça e diabos em casa*; porque são insuportáveis, não há quem possa adivinhar por onde se ganham, nem por onde se perdem. Infelizes!

Exercitar-se em fazer muitos atos contrários à própria vontade, não só naquelas coisas a que a vontade se acha viciosamente inclinada; senão também nas indiferentes; isto com toda propriedade é negar-se a si mesmo.

Procurar em todas as coisas tomar por modelo a Jesus Cristo, gravando dentro de seu coração um grande desejo de ser humilhado e desprezado por todos; e, por conseguinte,



fugir dos ofícios de autoridade e honra, e abraçar os ofícios subalternos e humildes. Nunca, jamais, referir coisa alguma que seja em louvor próprio, a não ser que obrigue a isso a glória de Deus e o proveito do próximo. Quando for repreendido, embora seja inocente, calar e não escusar-se, oferecendo tudo a Deus e considerando que os pecados próprios, atuais ou passados, merecem isso e muito mais e em todas estas coisas não desejar ser tido por humilde e virtuoso, senão por culpado e imperfeito.

Ter uma vontade pronta e determinada para fazer, não só o que mandam os superiores, senão também o que se possa conhecer que desejam, sem esperar que o manifestem ou o mandem.

Arrancar do coração toda afeição às coisas criadas, de sorte que não se ame senão a Deus, ou por Deus. Este despreendimento das coisas criadas é utilíssimo para adiantar na perfeição. É, portanto, mister pôr grande cuidado em não afeiçoar-se a coisa alguma, por pequena que seja; porque às vezes estas coisas pequenas ocupam o coração tanto ou mais que as grandes e magníficas, de muito valor ou de muito brilho. Daqui se segue que logo que alguém se sentir afeiçoado a estas coisinhas ou ninharias, é indispensável desprender-se delas, antes que se lhes apegue o coração, porque toda afeição desordenada às criaturas fecha a porta ao amor de Deus e abre-a ao amor-próprio; tendo em mente que aquilo que neste mundo possuímos ou usarmos há de possuir-se e usar-se sem afeição

ou apego, estando-se sempre pronto a deixar tudo, sempre que se julgar conveniente, e não apreciar nada senão enquanto é útil para servir a Deus.

Abraçar os trabalhos, penas, injúrias, afrontas e opróbrios com inteira resignação à vontade de Deus; seguir o caminho da perfeição, o que deve fazer-se das quatro maneiras seguintes:

Sofrer com paciência as coisas, por mais árduas e difíceis que sejam, conforme ao que diz São Paulo: *in tribulatione patientes*, pacientes na tribulação.

Sofrer não só com paciência, senão dando graças a Deus pelo benefício que nos dispensa, fazendo-nos experimentar o cálice que Ele reservara para Si e para seus mais escolhidos amigos.

Sofrer não só com paciência, ações de graças, senão também com alegria, à imitação dos Apóstolos dos quais se lê *que saíam alegres da presença dos juízes, por terem tido a felicidade de padecer desprezos pelo nome de Jesus*.

Sofrer não só com paciência, ações de graças e alegria, senão também com desejo de padecer mais ainda por amor de Jesus Cristo, e à imitação sua, que, pregado na Cruz, com tantas amarguras, desprezos e sofrimentos da morte, ardia ainda em desejos de padecer mais. E naqueles que com tanta verdade amam a Deus, à proporção da viveza do amor é também veemente o desejo de padecer, considerando verdadeiras glórias as adversidades, como de si mesmo no-lo assegura São Paulo: *Longe de mim gloriar-me em outra coisa que não seja na cruz de meu Senhor Jesus Cristo*.

Eis aqui, cristão muito amado, o que deves fazer, se quiseres seguir a Jesus Cristo; deves negar-te a ti mesmo, tomar a Cruz e ir após Ele; quem assim não fizer, jamais será perfeito. Embora nossa natureza seja contrariada, é indispensável resolver-se a isso. Mas, que dor! Tudo se faz menos isso! Tem Jesus Cristo muitos que O seguem ao Tabor, mas ao Calvário são mui poucos. Quero dizer, quando envia prosperidades e glórias todos são amigos de Deus, mas quando manda doenças, desgraças, ou outros males, então viram-Lhe muitos as costas. Não sejas tu deste número, aceita o que Ele te der. Se te enviar prosperidade, dá-Lhe continuamente graças, admirando sua bondade; e se te experimentar com desgraças, conforma-te com sua vontade, sabendo que isso é o que mais te convém, e que Ele padeceu muito mais ainda por ti sem que tu o merecesses; e desta sorte poderás chegar por fim à glória celestial, que de todo coração te desejo. Amém.

Conteúdo extraído do livro

Caminho Reto e Seguro para chegar ao Céu



Domus Aurea

editoradomusaurea.com.br

